



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS DE GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**JORILENE BARROS DA SILVA GOMES**

**Nem santa nem puta: Moral e censura na obra de  
Cassandra Rios  
(1940-1970)**

GUARABIRA – PB

2012

**JORILENE BARROS DA SILVA GOMES**

**Nem santa nem puta: Moral e censura na obra de  
Cassandra Rios  
(1940-1970)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História do Centro de Humanidades da  
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento  
às exigências para obtenção do grau de Licenciada  
em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marisa Tayra Teruya

GUARABIRA – PB  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

G633n Gomes, Jorilene Barros da Silva

Nem santa nem puta: Moral (1940 – 1970) e censura na obra de Cassandra Rios / Jorilene Barros da Silva Gomes. – Guarabira: UEPB, 2012.

48f.:il.;Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Marisa Tayra Teruya.

**JORILENE BARROS DA SILVA GOMES**

**Nem santa nem puta: Moral (1940-1970) e censura na obra de Cassandra Rios**

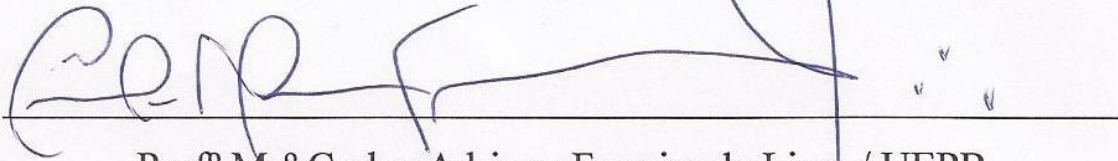
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em História.

Aprovada em 05 / 12 / 2012

---

Profª Drª Marisa Tayra Teruya / UEPB

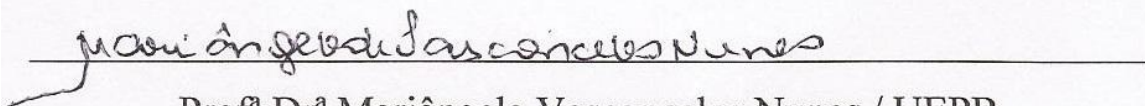
Orientadora



---

Profº Msº Carlos Adriano Ferreira de Lima / UEPB

Examinador



---

Profª Drª Mariângela Vasconcelos Nunes / UEPB

Examinadora

Aos meus, em especial à minha avó, Zuleide Barros Gomes. A partir desta figura imponente, sentimos o amor sincero e sublime e nos reconhecemos enquanto uma família unida.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão, para mim, é um sentimento de respeito e admiração por aqueles que me possibilitaram realizar projetos e quimeras. Gratidão é o sentimento mínimo que tenho por aqueles que me auxiliaram a ser quem sou hoje. Sou resultado dos esforços de pessoas que me proporcionaram oportunidades de um amanhã melhor, para uma realidade onde o amor e a dedicação caminharam juntos.

Por isso, agradeço...

A Deus por ter me colocado diante de pessoas que modificaram minha vida e cuidado de mim em todos os caminhos percorridos.

A minha família por todo apoio, compreensão e incentivo e em especial a minha avó, Zuleide de Barros Gomes, minhas tias, Jocideia de Barros Gomes, Jarleide de Barros Gomes e Janayne de Barros Gomes que cultivaram uma aliança inabalável de carinho e amor.

Aos meus pais, Edilene Miguel da Silva e Jório Barros Gomes pelo carinho, amor e dedicação nas horas que mais precisei.

À professora Marisa Tayra Teruya que me ensinou com carinho e cuidados de mãe e que pude deleitar-me em sua sabedoria e erudição infinita. Agradeço pelas horas de paciência, por todas as críticas pertinentes ao meu trabalho e por me iluminar em momentos de total “escuridão”.

À professora Mariângela Vasconcelos Nunes por todo apoio, incentivo e carinho com que me conduziu durante a vida acadêmica. Mari, muito obrigada pela paciência, “puxões” de orelha e conselhos. Você é um dos meus referenciais.

À professora Elisa Mariana pela oportunidade em participar do seu projeto e pelas reflexões e aprendizados decorrentes desta vivência.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em História, em especial a alguns professores que foram além. Foram amigos. Agradeço a Paula Rejane por todas as horas de brincadeiras e aprendizados, por todos os conselhos e carinhos. A Elson Lira por sua ternura e carisma, por ser o primeiro a me incentivar na carreira acadêmica. A Andreza Oliveira pelo carinho. A Alômia Abrantes por sua doçura em me iluminar ao saber. A Edna Nóbrega pelos seus carinhos, cuidados e incentivos. A Joedna Menezes pelos conselhos e carinho e Tiago Bernardon pelos incentivos.

Às minhas companheiras de todas as horas: Jéssica Reis, Renata Kelly, Bruna Moura, Isabela Nóbrega e Cinthia Raquel, pelos momentos de risos, choros, bebedeiras, trocas de incentivos, confiança e cuidados. Vocês foram a maior e melhor surpresa que esta jornada me reservou.

A Amália Castro pela paciência e carinho com que leu e corrigiu o meu trabalho e por todas as horas com que esteve ao meu lado, me aconselhando e iluminando com carinho e paciência.

Em especial a todos que conheci por obra do acaso devido às caronas para chegar à universidade. Durante estes quatro anos vocês foram essenciais para esta formação.

A todos que de forma direta ou indiretamente me conduziram a este momento especial da minha vida, o meu sincero obrigada!

Sou um pescador de mim  
Isco-me todos os dias.  
Garimpo as minhas ideias,  
As minhas vontades.  
Escolho, reparo, repasso  
Rearrumo, desarrumo, mudo  
Outra vez. De novo, sempre  
Necessariamente  
Dia - a - dia  
Hora a hora  
Agora, já.

(Ivaldo Gomes, 2012)



## RESUMO

Este trabalho percorre e historiciza os discursos relacionados à defesa de uma ordem familiar e conservadora no país no período 1940 – 1970, por vários segmentos institucionais direcionados contra as escritas de Cassandra Rios, pseudônimo de Odete Rios (1932 – 2002), que introduziu nos seus romances, personagens “malditos” (gays, lésbicas, transexuais). Trata-se de uma sociedade ainda de base patriarcalista que, conforme Souza (1951), Casey (1989) e Lasch (1979), ruma para uma base nuclear burguesa atrelada às transformações urbanas e econômicas (industrializantes) na cidade de São Paulo, no período. Pretende levantar fontes sobre a produção de grupos sociais defensores do discurso da família como a TFP – Tradição Família e Propriedade no período e paralelamente, analisar as obras da autora produzidas no período e como se geram, nas suas próprias tramas, os discursos da censura de bases patriarcalista e católica.

**PALAVRAS – CHAVE:** Cassandra Rios - Censura - Conservador

## **ABSTRACT**

This work covers and historicizes the speeches related the defense of a order family and conservarite in the country, in the period 1940 - 1970, by various institutional segments, directed against the writings of Cassandra Rios, Odete Rios pseudonym (1932 - 2002), who introduced in her novels, characters "accursed" (gays, lesbians, transsexuals). This is still a society based patriarchalist that, as Souza (1951), Casey (1989) and Lasch (1979), heads to a base nuclear bourgeois, tied to economic and urban transformations (industrialist) in the city of São Paulo, in the period. Aims to raise sources about the production of social groups defenders of family's discourse such as TFP - Tradition Family and Property in the period and in parallely, to analyze the author's works produced in the period and how they generate, on their own plots, the speeches of censorship Catholic and patriarchal foundations.

**KEY - WORDS:** Cassandra Rios - Censorship - Conservative

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1.</b> PLÍNIO CORRÊA. CAPA DO LIVRO PREVISÕES E DENÚNCIAS EM DEFESA DA IGREJA E DA CIVILIZAÇÃO CRISTA. ....	23
<b>FIGURA 2.</b> ODETE RIOS. (IN: REV. TPM, 2001) .....	28
<b>FIGURA 3.</b> ODETE RIOS AOS TRÊS ANOS. (IN: REV. TPM, 2001) .....	29
<b>FIGURA 4.</b> ODETE RIOS ADOLESCENTE. SANTOS, SEM DATA. (IN: VER. VER. TPM, 2001).....	30
<b>FIGURA 5.</b> CAPAS DE OBRAS DE CASSANDRA RIOS. ....	42

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPITULO I. UMA (RE) LEITURA SOCIAL DO BRASIL (SÃO PAULO) .....</b>	<b>15</b>
SÃO PAULO: BERÇO DE UM REFERENCIAL CULTURAL COSMOPOLITA .....	18
SOPRAM VENTOS PERIGOSOS.....	20
<b>CAPÍTULO II. TRADIÇÃO RELIGIOSA DA TFP VERSUS DISCURSO MARGINAL DE CASSANDRA RIOS .....</b>	<b>23</b>
<b>CASSANDRA: DA “FILHA DO PORTUGUÊS” À “PAPISA DO HOMOEROTISMO .....</b>	<b>28</b>
<b>CAPÍTULO III. SOBRE AS OBRAS E O DESTINO DOS SEUS PERSONAGENS.....</b>	<b>34</b>
OS ENREDOS DE CASSANDRA .....	37
OS PERSONAGENS .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>

## Introdução

De escritora maldita, Cassandra Rios passou a partir da década de 1990, a figurar como objeto de análises acadêmicas preocupadas em discutir e refletir como esta mulher viveu e escreveu sobre: o sexo, o corpo, o prazer, as drogas e homoafetividade numa sociedade conservadora em pleno século vinte.<sup>1</sup>

Neste trabalho buscamos acompanhar a escritora Cassandra Rios tentando percebê-la em meio a um fluxo de mudanças sociais intensas que possibilitaram a divulgação de imagens que, decerto, compõem uma face oculta dessa sociedade sustentada por tabus e preconceitos e que ajudaram a suscitar uma onda de discursos, por parte da Igreja, e mais especificamente do movimento *Tradição, Família e Propriedade* (TFP), comandada por Plínio Corrêa de Oliveira que se mesclavam a um redemoinho de novos, velhos e ocultos comportamentos que irrompiam a sociedade que se modernizava. Trata-se, portanto do esforço de contextualização da autora à sua época.<sup>2</sup>

O trabalho está organizado em três partes: sendo a primeira, intitulada *Uma (Re) leitura Social do Brasil (São Paulo)* que buscou contextualizar a autora pesquisada dentro das relações de poder e familiaridade existentes no período de 1940 a 1970. Neste sentido, mapeamos as principais transformações ocorridas na cidade de São Paulo que possibilitaram uma formação cultural, social e econômica diferenciada de outras grandes cidades brasileiras.

---

<sup>1</sup> Piovesan (2005); Santos (2004).

<sup>2</sup> Este trabalho de conclusão de curso é parte do relatório de pesquisa do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual da Paraíba, intitulada "Tradição, Família e Censura no Brasil Urbano/ Patriarcal do Século Vinte", que por sua vez, esteve integrado ao projeto "Uma Arquivologia Intercultural da "Obscenidade": História, Memória e Testemunho na Obra da Escritora Cassandra Rios", aprovado no certame Propeq 2011-2013, coordenado pelas professoras Elisa Mariana Medeiros Nóbrega e Marisa Tayra Teruya. O grande projeto intenciona fazer uma arquivologia intercultural das representações culturais do interdito e da transgressão, sob o signo da obscenidade, relacionando a historiografia e a literatura, para compreender como historicamente se constituiu a tradição literária da escritora Cassandra Rios, objetivando uma história da sexualidade no Brasil do século XX, que não desconsidera as relações intertextuais de toda uma memória intradiscursiva articulada, também, nos espaços institucionais de publicação e censura de obras literárias, reapropriada nos discursos midiáticos e no universo dos leitores. Nesse sentido, utiliza como recorte teórico-metodológico autores como Calligaris, Belloto, Artières, Perrot, Chartier, Certeau e muitos outros que dialogam e instituem a chamada história cultural. Este sub-projeto buscou pesquisar e contextualizar discursos relacionados à defesa de uma ordem familiar conservadora, produzida paralelamente e criticamente à escrita dita transgressora das obras de Cassandra Rios, no período 1940-1970. Estes discursos em defesa de um modelo familiar conservador patriarcal, também se transformavam, buscando acompanhar a emergência de um modelo de família nuclear burguesa, para o cenário urbano e industrial que marcava o cotidiano do Brasil do período.

É partir desta cidade analisada que tornou-se referencial político e ideológico que conseguimos analisar uma outra nuance; uma São Paulo presa a um discurso conservador e moralizante. Logo, é nesta parte do trabalho que faremos uma discussão sobre a formação da *Tradição, Família e Propriedade (TFP)* liderada por Plínio Corrêa e como esta organizou segmentos da sociedade para combater os “males” vindos com a modernidade. Esta segunda divisão do trabalho esta denominada: *Tradição Religiosa da TFP Versus Discurso Marginal de Cassandra Rios*.

As discussões que giraram em torno da TFP e Cassandra Rios nos permitiu compreender dois “mundos” que existiam paralelamente na sociedade. Um habitado por pessoas moralmente aceitas e o segundo por todos aqueles que são excluídos por utilizarem-se de “práticas clandestinas” como a homossexualidade. É a partir desta discussão que chegamos à última parte do nosso trabalho batizada de: *Cassandra: “Da Filha do Português” à “Papisa do Homoerotismo”*, neste espaço analisamos como esta escritora lésbica desenrolou a trama de sua vida, bem como compreender as principais facetas de sua escrita e como esta possibilitou discussões que até eram negligenciados na história do Brasil.

A Nova História Cultural (1980) possibilitou estudar e analisar as experiências humanas no que tange às sensibilidades e a representatividade. Este estudo nos permitiu adentrar em fontes fragmentadas em diversos campos como fontes literárias, iconografias e na própria memória. (VAINFAS, 1997). Logo, ao utilizarmos os livros de Cassandra Rios e trabalhos remetidos a ela o nosso espaço investigativo torna-se a literatura e esta ganha dimensão de fonte documental passível de indagação e problematização.

Neste sentido, reportamo-nos para Certeau (2002) para analisarmos as fontes como objetos produzidos por alguém marcado por intencionalidades “*quem o produziu, para quem produziu e quais suas intenções*”, ou seja, alvitramo-nos a utiliza-la como elemento de pesquisa, porém sem esquecer que não é uma cópia fiel do passado, e sim um material substancial que pode nos dar indícios, rastros (GUINZBURG; 1989) de um tempo e espaço, ou seja, de uma cidade em processo de transformação. Portanto, ao utilizar os textos compilamos resultados de negociações ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social, ou seja, a literatura anuncia e difunde as mudanças ocorridas na sociedade (CHARTIER; 1999).

## CAPITULO I. *Uma (re) leitura social do Brasil (São Paulo)*

*Como mulher eu sou, na definição exata de como me sinto, uma menina medrosa que se escondeu atrás de um pseudônimo, que se assustava e tinha medo de tudo, e hoje não tem medo de nada! (Cassandra Rios)<sup>3</sup>*

Nas últimas décadas tem se analisado e debatido historiograficamente sobre os movimentos reacionários<sup>4</sup>, sobretudo pós 1980, com a Nova História Cultural que possibilitou a utilização de novos objetos de estudo que pertenciam a outras áreas do saber.<sup>5</sup> Neste sentido, compreendemos que as mudanças historiográficas variaram de acordo com as mudanças sociais. Logo, é a partir disto que tentamos perceber as modificações ocorridas na cidade de São Paulo que confluíram nos textos de Cassandra Rios.

Cassandra Rios foi uma escritora de romances cujos enredos eróticos, suscitaram e ainda suscitam reações variadas. Para estudiosos de sua obra, é a papisa dos contos eróticos brasileiro.<sup>6</sup> Para os defensores da família, da moral e dos bons costumes, uma corruptora. Para seus leitores contemporâneos, a possibilidade de perscrutar cantos obscuros e proibidos da sexualidade. Para leitores atuais uma enfrentadora corajosa de tabus conservadores. Foi desprezada pela intelectualidade de esquerda que considerava sua escrita uma literatura menor,<sup>7</sup> cujos recordes de venda se justificavam apenas pelas capas escandalosas de suas obras. Escreveu mais de cinquenta livros,<sup>8</sup> sempre perseguida pelos movimentos católicos e teve mais de trinta e seis censurados pela censura militar.

Buscamos apresentar esta figura, considerada enigmática por muitos e que abalava as normas comportamentais e culturais machistas, católicas, heterossexuais.

---

<sup>3</sup> Ver Revista TPM 03 junho de 2001

<sup>4</sup> Entre os movimentos reacionários no Brasil podemos citar: Movimento Negro (1915), Movimento Feminista (1975) e o Movimento LGBTTTs

<sup>5</sup> Entre os objetos ampliados por esta escola historiográfica podemos citar: história da beleza, do amor, das festas, das danças, família, enfim uma gama de fontes que pertenciam a outras ciências como: Literatura, Sociologia, Filosofia.

<sup>6</sup> Apud Piovesan (2005); Reimão (2009); Ovídio (2008).

<sup>7</sup> Carrasco, Walcyr. Cafonice intelectual. In: **Revista Época**, 3 set.2012, p.102:

*Talvez a maior injustiça já cometida pela intelectualidade brasileira tenha sido durante a ditadura. Havia uma escritora, Cassandra Rios, que vendia aos borbotões, inclusive em bancas de revista. Era uma literatura erótica, fortemente apoiada no lesbianismo. Pelo menos um de seus livros foi adaptado para o cinema: Ariella, com Christiane Torloni e Nicole Puzzi. O governo militar também perseguiu Cassandra Rios. Seus livros desapareceram, sob a pecha de imorais. Ninguém abriu a boca. Era considerada "ruim", porque defender? Tratava-se porém, do princípio da liberdade de expressão, esquecido em nome do preconceito intelectual."*

<sup>8</sup> No final do relatório, apresento a lista de todas as obras da autora.

Procuramos entender a autora e alguns posicionamentos que nos pareceram, num primeiro momento, contraditórios nos seus romances<sup>9</sup> considerando seu lugar de origem e onde sempre viveu: a cidade de São Paulo que, entre as décadas de 1940 a 70, passou por inúmeras transformações num processo acelerado de modernização<sup>10</sup>.

Consequentemente a cidade presenciou o florescimento de novas práticas, discursos e identidades emergentes, numa sociedade balizada pela moral patriarcal e católica, conservadora, que proibia e perseguia discursos e práticas consideradas ambíguas ou contrárias a ela e que ao mesmo tempo fervia com a movimentação de imigrantes vindos de todas as partes do mundo e do Brasil.

Odette Rios (1932 – 2002) que viria a adotar o pseudônimo de Cassandra Rios<sup>11</sup>, cresceu na cidade de São Paulo e desde cedo era considerada “perigosa”. Segundo a Cassandra, ela era a amiga que as boas mães tentavam afastar de suas filhas,<sup>12</sup> por, desde cedo, escrever textos que anunciavam e/ou registravam “cenas” nas quais a sexualidade, o erotismo e o homossexualidade, especialmente lésbica, se apresentavam. Mas suas histórias também abriam espaço para um mundo que se movia a partir de práticas corruptas, estelionatos, drogas e faziam emergir todo um submundo de relações que eram entrelaçadas ao mundo cotidiano. Para Rick Santos (2003; 18):

Enquanto adereçava uma variedade de assuntos e problemas sociais, como a inflação, a violência, a brutalidade policial, o sincretismo, a corrupção etc., se poder ia dizer que a descrição da homossexualidade em cenários urbanos é a linha central e recorrente que permeia toda a sua obra. Num contexto em que a ideologia dominante trabalha para esconder, assim como naturalizar, a construção social de certos fenômenos de dominação, tais como heteronormatividade, a ficção de Rios assume um papel significativo que se opõe ao paradigma dominante, subvertendo-o.

Segundo o autor, durante o período estudado a única forma de propaganda pública de gays e lésbicas ocorria associado à divulgação de uma imagem estereotipada

---

<sup>9</sup> Suas abordagens sobre sexualidade, homossexualismo me pareceram sempre muito marcados pela culpa e pelo castigo, com personagens angustiados, infelizes.

<sup>10</sup> Modernização entendida como urbanização e industrialização (Candido, 1951)

<sup>11</sup> Odette Rios adotou mais de um pseudônimo, podendo destacar entre estes: Clarence Rivier, Oliver Rivers, Strom's e Fleuve. Entre todos, o mais famoso Cassandra Rios, pseudônimo inspirado na mitologia grega, sobre uma deusa que foi condenada a prever acontecimentos, porém não podia intervir, pois não acreditavam no que ela dizia. Interessante ressaltar também que a censura não barrou os livros de Cassandra quando estes foram assinalados por pseudônimos masculinos.

<sup>12</sup> Em depoimento da autora. Ver *Censura* – Cassandra Rios.

Cassandra é uma mulher marcada pelo sexo, através de sua escrita marginal, pornográfica, numa sociedade balizada pelo patriarcalismo machista e conservadorismo religioso.



durante o período do carnaval, negando-lhes a existência cotidiana e privando-os de sua interioridade.

Cassandra Rios trazia à tona, portanto, práticas de sujeitos que transitavam pelos dois mundos daquela sociedade. Talvez por isso seus personagens fossem tão amargurados, conquanto suas próprias consciências os acusassem acerca de seus atos. Quiçá a própria autora tratasse de “batizar” seus personagens com as sanções da época. Quem sabe, o sucesso editorial de seus escritos revele, não só a transgressão, mas a pulsação de uma sociedade que oscilava entre polos opostos.

Cassandra é uma mulher marcada pelo sexo<sup>13</sup>, através de sua escrita erótica, numa sociedade balizada pelo patriarcalismo machista e conservadorismo religioso. Sendo ela lésbica, conhecia de perto os dilemas sentidos pelas pessoas que de alguma forma transgrediam as normas de gênero e viviam posições contraditórias no seu dia-a-dia. Para Rick Santos (2003: 19), transgressores de gênero são, simultaneamente, objetos dos olhares de seus opressores e sujeitos resistindo à opressão. A literatura de Rios, trabalha resistentemente na interseção da biografia pessoal, discurso social e ficção, expõe e subverte a forte ficção criada pela ideologia dominante.

Conseguimos dimensionar a repercussão de seu trabalho a partir do fenômeno de vendagem: seus romances foram consumidos avidamente: suas vendagens giraram em torno de mais de 300 mil exemplares por ano, nas décadas de 60 e 70, tornando-a um fenômeno de vendagem e suas obras *best-sellers*.<sup>14</sup> Cassandra Rios atingiu leitores de todos os matizes sociais, fato passível de ser observado quando atentamos para o aspecto mercado/consumo<sup>15</sup>.

Motivamo-nos em compreender a sociedade na qual esta mulher viveu, produziu dezenas de obras, foi sucesso de vendagem<sup>16</sup>, mas também foi perseguida por praticamente todas as instâncias de poder instituídos, policiais, religiosas e intelectuais de vanguarda. Tentamos observar a sociedade brasileira entre 1940 – 1970 (período de produção literária de Cassandra Rios), mais especificamente a cidade de São Paulo, pois

---

<sup>13</sup> É válido destacar que Cassandra Rios, não foi a primeira a escrever sobre relações homoafetivas, porém os outros autores como Gregório de Matos em *Boca do Inferno* (no século XVII), Joaquim Manuel de Macedo em *As Mulheres de Mantinha* (no século XVIII), Aluizio Azevedo em *O cortiço* (no século XIX) e Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* (no século XX), não abordaram esta temática como principal em suas obras.

<sup>14</sup> Em termos de vendagem, a autora só foi superada décadas depois, pelo sucesso Paulo Coelho. No mesmo período o único que alcançava esta margem de vendagem foi Jorge Amado. Ver: OVIDIO, Judson. Cassandra Rios a Rainha da Literatura Erótica. **Revista Eletrônica Zingu.**

<sup>15</sup> Referimos-nos a ideia de aceitação do público ao trabalho de Cassandra Rios, lembrando que trata-se de uma população, ainda, com um alto grau de analfabetismo.

este é o lugar de origem e vivência de Cassandra, e também pelo encaminhamento de questões consideradas de cunho moral a partir de um movimento nascido da Igreja Católica: a “Tradição, Família e Propriedade” (TFP).

Este movimento juntamente com outros,<sup>17</sup> defendiam uma sociedade assentada no casamento, um dos pilares sociais para o cultivo de valores considerados positivos para a humanidade. A partir do casamento, todos os comportamentos diferentes assumidos por um homem ou uma mulher no que toca à utilização da sexualidade, seriam considerados, pois, desviantes.

### **São Paulo: berço de um referencial cultural cosmopolita**

A partir de 1940, o Brasil foi palco de grandes transformações capitaneadas pela modernização ocorrida na cidade de São Paulo.<sup>18</sup> A cidade acabou adotando novas práticas de convívio, na esteira do processo de urbanização e crescimento viário conforme podemos perceber no clássico estudo de Antonio Cândido, *The Brazilian Family*<sup>19</sup>, que trata das transformações da família no ambiente moderno. Junte-se a isto o êxodo para as cidades grandes em busca de melhores empregos, melhor remuneração e qualidade de vida, iniciado com a industrialização do país e com a modernização das leis trabalhistas durante o governo Vargas.

A partir destes aspectos decorreu um grande crescimento populacional alterando assim a paisagem demográfica da cidade, tornando São Paulo o destino de imigrantes de todos os lugares: trabalhadores do Nordeste e do mundo todo, implicando também na mudança de valores sociais, principalmente em função do afrouxamento dos laços de vigilância familiar e social possíveis numa cidade grande. Além de proporcionar aos jovens a possibilidade de vivenciar suas experiências com mais liberdade e menos discriminação, nos grandes centros eles também se uniam para lutar por direitos, idealizando e publicando jornais, revistas e outras atividades. Segundo Lima (2009) da

---

<sup>17</sup> Por exemplo, a Congregação Mariana e a Associação das Mães Cristãs, em São Paulo. Estes grupos se espalharam por todo o Brasil. A Associação das Mães Cristãs de Minas Gerais tiveram vários enfrentamentos contra Cassandra Rios e todas as mídias de maneira geral, por considera-las más influências sobre a juventude.

<sup>18</sup> Para pensar a cidade de São Paulo deste período, é interessante lembrar dos conflitos ocorridos com o governo federal em 1930 e a seguir a Revolução Constitucionalista em 1932, a partir da qual o estado passa a investir em ações de desenvolvimento, a exemplo da fundação da Universidade de São Paulo em 1935, buscando a formação de uma elite intelectualizada e que ajudaria a pensar os rumos da economia nas décadas seguintes.

<sup>19</sup> No Brasil, Cândido buscou marcar as transformações sofridas pela família patriarcal colonial e rural quando transplantada para o século vinte. 'The Brazilian Family' é considerado, por isso, um clássico de nossa literatura sobre a família, e caracteriza o desdobramento da família patriarcal rural num ambiente moderno (caracterizado como urbano e industrial). CANDIDO, Antonio. (1951), "The Brazilian family". In: SMITH, T. Lynn & MARCHANT, Alexander (orgs.). Brazil: portrait of half a continent. Nova York, The Dryden Press.

mesma forma, ocorre à possibilidade de visibilidade segura proporcionada pelo travestismo, pelo menos durante as festividades de carnaval, possível aos jovens homossexuais.

O cotidiano da família<sup>20</sup> mudava e costumes e tradições transformavam-se. Neste sentido, a família pode ser pensada a partir de diversos aspectos como: unidade doméstica, instituição, sobrevivência, laços fraternais e consanguíneos. É válido ressaltar que inúmeros teóricos já perpassaram seus olhos por este campo que para muitos é o princípio da nação. O termo família é conceituado diferentemente nas mais variadas ciências como a *Antropologia*, *Sociologia* e não obstante na História.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é um conjunto de pessoas conectadas por vínculos de parentesco, sujeição doméstica, convivência ou que reside em um único domicílio. A família passou por algumas mudanças, a figura materna que era única e exclusivamente feita para o lar passou a protestar por novos postos, ou seja, começavam a ser deixados características do campo para trás: as mulheres entravam, embora timidamente, no mercado de trabalho, mas assumiam novos lugares sociais; os homens passavam a trabalhadores assalariados; os filhos adotavam novos referenciais de comportamento, que colocavam em pauta temas como a virgindade, modos de vestir, comportamentos transgressores:

O banho de civilização americana atingia os brasileiros em todas as frentes. Para comer e beber havia suco V-8, Quaker Oats e enlatados Swift. [...] Para a cozinha os eletrodomésticos GE. Para os olhos as lentes Rayban. [...] De Hollywood vinha o recado: nove entre dez estrelas do cinema usavam sabonete Lever. [...] Descobrimos o *chic* pelas frestas do cinema. Aos poucos incorporamos o *ok*, *big*, *bye* ao nosso vocábulo corrente. Os nossos santos tornaram-se os mocinhos e mocinhas hollywoodianos. Era uma nova forma de ser e estar.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> “O modelo de família patriarcal pode ser assim descrito: um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob a autoridade do patriarca, dono das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político. Ainda se caracterizaria por traços tais como: baixa mobilidade social e geográfica, alta taxa de fertilidade e manutenção dos laços de parentesco com colaterais e ascendentes, tratando-se de um grupo multi-funcional.” In: TERUYA (2000)

Sobre a discussão clássica acerca da família patriarcal no Brasil, ver Freyre (1987), Vianna (1987) e Cândido (1951), que grosso modo, partem do pressuposto de uma família patriarcal rural e extensa no século dezenove e anteriores e que se transforma em nuclear, quando transplantada para um ambiente urbano e moderno, no século vinte. Este modelo foi analisado em Correa (1981) e Teruya (2000).

<sup>21</sup> Ver o artigo “O *american way of life* chega à terra do jeitinho”. In: **Nosso Século**. São Paulo: Abril Cultura, 1980, v.3, p.244.

Para Cândido (1951) ocorreu uma série de transformações no seio familiar e social alterando o modelo existente. Contudo, práticas conservadoras continuaram a existir. O enfraquecimento do modelo Patriarcal Extenso para o Nuclear Burguês ocorreu devido à urbanização e industrialização. O controle a que restringia-se as famílias passou para as mãos dos produtores econômicos e concomitantemente ao estado, comprometendo a relação estável que existia entre os agregados da família.

Todo este contexto será intensificado com a produção e chegada de novos bens culturais “consumíveis” pela sociedade como a televisão, o rádio, o cinema, e as produções do mercado editorial, como revistas e livros.<sup>22</sup>

### **Sopram ventos perigosos**

Outro aspecto desta sociedade que se transformava e ao mesmo tempo “resguardava” os princípios da família foi o avanço do comunismo. Intelectuais surgiram dando apoio ao ideário comunista como: Jorge Amado, Graciliano Ramos e Astrojildo Pereira<sup>23</sup>.

Neste sentido uma onda crescente de revistas e textos simpáticos a esta esquerda chegavam aos leitores, numa outra vertente de opiniões que confrontavam com os discursos pregados e exigidos pelo estado e pela igreja. Entre as revistas produzidas neste período pode-se destacar: *Fundamentos da Cultura Moderna*, *Paratodos*, *Horizonte e Literatura*<sup>24</sup>, as quais remetiam seus escritos a uma nova sociedade,

---

<sup>22</sup> As transformações desencadeadas a partir de 1940 foi direcionada para a concretização de alguns planos governamentais de 1930, que destacam-se entre eles o Plano Especial de Obras Públicas e Aparelhamento da Defesa Nacional (que ficou previsto para acontecer entre os anos de 1939-1944). Outra proposta foi criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (1931) que tinha função estimular o crescimento e a produção de vídeos educativos que fomentariam uma educação calcada numa sociedade mais otimista e com padrões morais adequados para uma sociedade do “bem”. Mais uma medida que marcou este período foi o fim do modelo político que vigorava e o início de um novo, que tinha participação mais ativa do Estado na economia; esta mudança ficou conhecida como nacional-desenvolvimentista.

<sup>23</sup> Jorge Amado (1912 — 2001) nasceu na Bahia, literato que ficou conhecido por suas obras como: *Capitães de Areia* e *Dona flor e seus dois maridos*. Foi eleito deputado Federal pelo Partido Comunista Brasileiro em 1945 e também empossado na Academia Brasileira de Letras em 1961. Suas obras foram traduzidas em mais de quarenta e oito idiomas, sendo várias adaptadas para o cinema, teatro e novelas.

Graciliano Ramos (1892-1953) nasceu em Alagoas. Romancista brasileiro, entre suas especificidades, podemos destacar: cronista, jornalista, político e memorialista brasileiro. Foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios. Filiou-se ao partido Comunista. Em 1951, elege-se presidente da Associação Brasileira de Escritores. Suas obras somam-se mais de quatorze, entre os seus títulos em destaque podemos citar *Vidas Secas* publicada em 1938.

Astrojildo Pereira Duarte (1980 – 1965) nasceu no Rio de Janeiro foi escritor, jornalista, crítico literário e político brasileiro. Fundo o Partido Comunista Brasileiro/ Partido Comunista do Brasil no ano de 1922

<sup>24</sup> “Fundamentos da Cultura Moderna” foi lançada em São Paulo no ano de 1948 resistindo sua atuação até 1950, encerrando suas atividades com a crise do movimento comunista.

igualitária, atraindo a ira de órgãos da censura e provocando em 1947, o fechamento do Partido Comunista.

Em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo se dividiu em dois grandes blocos político-militar e ideológico conduzidos pelas duas superpotências econômicas emergentes: União das Repúblicas Soviéticas- URSS com uma ideologia comunista e Estados Unidos da América- EUA com uma ideologia capitalista. Inaugurava-se o período da Guerra Fria.

Na prática cotidiana esta divisão didática ia por terra. Ao mesmo tempo em que o Brasil desfrutava e se beneficiava das benesses industrializadas e mergulhava no *american-way-of-life*,<sup>25</sup> engendravam-se relações de trabalho que passavam a ser discutidas à luz de ideias socialistas.

Portanto, a sociedade denominada urbano-industrial era perpassada por costumes conservadores, novas relações sociais e de trabalho pautadas na modernidade, políticas desenvolvimentistas e a inauguração de um sociedade mediatizada com a expansão das ondas do rádio, do mercado editorial e do cinema (especialmente americano) e pouco depois pela chegada da televisão (1950).

“*Anos dourados*” denomina a década de cinquenta no Brasil. Este período incorporou mudanças que afetaram todos os setores da sociedade e trouxeram o semblante de modernidade. A rádio-novela popularizou-se, introduzindo romances que instigavam as mulheres a sonharem com o amor arrebatador, capaz de salvá-las, por exemplo, dos casamentos arranjados pelos seus pais. Esta expectativa não figurou apenas nas novelas, mas também no cinema e nas músicas. Foram os anos de sonho.<sup>26</sup>

A década de 1960 foi marcada pelos sonhos de realizar os desejos da década anterior, mas pelo surgimento do feminismo e movimentos civis em favor dos negros e

---

A Revista “Paratodos” começou a circular em 1920. Tendo circulação semanal, a mesma continha temas relacionada à cultura e politicamente vinculada ao partido comunista. Entre os diretores podemos destacar Jorge Amado, Oscar Niemeyer.

“Horizonte e Literatura” foi uma revista fundada em 1949 que tinha uma função catalisadora de pensamento no pós-guerra, continha um caráter progressista a partir dos ideários socialista dirigida por Astrojildo Pereira Duarte.

<sup>25</sup> Muitos brasileiros tinham um espírito otimista, influenciados pelos ideários americanos, que resultavam em novas práticas e costumes, organizando-se de acordo a produção em massa de manufaturados que possibilitavam eficácia no dia-a-dia e produtos de uso pessoal e doméstico. As famílias brasileiras começavam a “correr” atrás dos artefatos e costumes considerados modernos e urbanos.

<sup>26</sup> Pensando o setor político do Brasil, é válido ressaltar que o mesmo estava sendo presidido por Juscelino Kubitschek que de forma marcante colocou como slogan de sua campanha: “cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo”, neste sentido para alcançar este objetivo o governo elaborou metas que visavam um aceleração econômico e uma maior expansão industrial. Desta forma para estes avanços e/ou crescimento tiveram apoio de partes importantes da sociedade, como empresários, e militares, que visavam ter realmente um país independente, contudo o que pode ser notório em contrapartida foi à efetivação de um capitalismo desenfreado que foi alvo de duras críticas, proliferando assim, os debates a cerca da política desenvolvimentista.

dos homossexuais, ou seja, novos padrões e comportamentos estavam aparecendo na mídia.

\*\*\*

O conservadorismo e a moralidade tão frequentes nesta sociedade serão redimensionados pelo impacto dessa difusão da mídia, levando a um desapego à moral cristã e dos bons costumes. Algumas vezes se faziam ouvir para a manutenção da ordem vigente como as organizações “Movimento por um Mundo Cristão”, “Associação das Mães Cristãs” e “Congregações Marianas”, que propagandeavam o seu desprezo pela mídia, considerando-a corruptora das “virtudes” da sociedade e alertando sobre como os jovens eram os mais propensos a serem influenciados por esta cultura subversiva. Foi assim que

[...] Solange Hernandes, diretora de censura, recebeu uma carta [...] pedindo mais rigor no controle das publicações eróticas. Era “mais um desabafo do que uma reclamação”, segundo o remetente. Ele relatava que “sua senhora”, ao limpar o quarto dos filhos, deparou-se com “uma grande quantidade de material pornográfico” e ficou estarecida. Ao verificar que “não se tratava simplesmente de erotismo”, e sim de “pornografia barata”, ele teve logo um ímpeto de surrar as crianças. Mas “como sou uma pessoa relativamente esclarecida”, dizia ele, “esperei calmamente e, então, interroguei-as”. Dizendo-se um homem “religioso”, “pai de família”, “que sempre trouxe seus filhos educados dentro de um rígido padrão de moralidade”, procurou investigar a situação e descobriu que as crianças, assim como muitos de seus colegas, estavam deixando de comprar o lanche na escola para adquirir tais revistas. Percebendo que “as bancas de jornal estão abarrotadas delas”, tratou logo de denunciar ao chefe da censura aquelas que trariam material pornográfico: Exclusivo Erótico Policial, HQ Color Sex Comic, Ninfetas, Carne viva e Real sex. (MARCELINO, 2008)

## Capítulo II. Tradição religiosa da TFP versus Discurso Marginal de Cassandra Rios

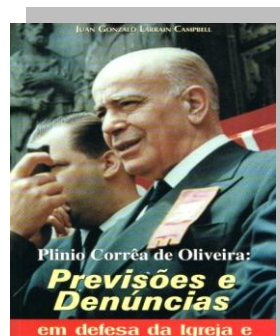


Figura 1. Plínio Corrêa. Capa do livro Previsões e denúncias em defesa da Igreja e da Civilização Cristã.

Alguns grupos religiosos como: *Tradição, Família e Propriedade* - TFP, fundada em 1960 e comandada por Plínio Correia<sup>27</sup> (1908~1995), agiram diretamente vinculados a um “novo” exemplo de prática que foi chamado de neocristandade instituído a partir de 1916. Segundo Mainwaring (1989) este modelo centrava-se numa igreja que tinha uma política conservadora combatendo outras religiões e afirmando a hierarquia e a ordem familiar.

Este modelo da neocristandade propunha um sistema educacional assentado na moralidade católica, o anticomunismo e antiprotestantismo, um catolicismo mais fervoroso inter-relacionado com as instituições governamentais<sup>28</sup>.

Assim, é nesta sociedade que a TFP e Cassandra Rios se chocam: de um lado uma proposta de revitalização/reestruturação de práticas ultra-conservadoras da Igreja Católica pregando a moral e os bons costumes e de outro os escritos de Cassandra, “corrompendo” e “alienando” *as cabeças levianas*.<sup>29</sup>

Do mesmo modo que Cassandra destacava-se pelo sucesso de vendagem, Plínio também alcançou níveis altos de distribuição e vendagem, como é o caso do livro

---

<sup>27</sup> Plínio Corrêa de Oliveira (1908 — 1995) ativista católico, escritor, pensador, e historiador brasileiro. Pertencente a famílias tradicionais de Pernambuco e São Paulo. Formou-se em 1930 em Ciências Jurídicas e Sociais. Em 1928 começou a atuar como líder católico, nas Congregações Marianas, destacando-se em movimentos sociais da Igreja. Seu discurso conservador marcou o século XX. Combateu o comunismo, progressismo religioso e o discurso de modernidade. Também em 1933 foi eleito deputado federal mais votado e mais novo na história do Brasil. Ver: MATTEI, Roberto de. *O Cruzado do Século Vinte*. Livraria Civilização, Porto, 1997. Ver: <http://ipco.org.br/home/quem-somos/o-mundo-de-plinio-correa-de-oliveir> - [http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_3870.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_3870.html)

<sup>28</sup> Este modelo teve seu ápice no período da presidência de Getúlio Vargas entre os anos de 1930 e 1945.

<sup>29</sup> Ver PIOVEZAN, Adriane. *Amor Romântico X Deleite Dos Sentidos: Cassandra Rios e a Identidade Homoerótica Feminina Na Literatura (1948-1972)*, 2005.

“*Revolução e Contra-Revolução*”<sup>30</sup> lançado em 1959 , que inspirou a fundação das TFPs. Este livro é um dos vários *best-sellers* de sua carreira, publicado em vinte e seis edições, em mais de vinte e seis países diferentes, tendo sido traduzido para cinco línguas: alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.

Para Plínio a decadência do catolicismo se dava em razão da Revolução Protestante, Revolução Francesa e Revolução Comunista. Acreditava que estas revoluções trouxeram o fim da hierarquia social. Outras revoluções já formam como: a Revolução Ecológica que visa destituir a hierarquia da natureza, colocando o animal acima do homem e a Revolução Satanista através das mídias, do rock, seitas, colocando o demônio para ser adorado. Segundo Altoé (2006) as ideias presentes no livro destacam o principio da não igualdade rechaçadas por Plínio Corrêa para quem a hierarquia era fundamental na manutenção da ordem social. Assim, a igualdade para ele apresentava perigo na medida em que:

- a) igualdade entre os homens e Deus: tratar da mesma forma Deus e os homens, instituindo nestes últimos propriedades divinas. “*O ateu é um igualitário que, querendo evitar o absurdo que há em afirmar que o homem é Deus, cai em outro absurdo, afirmando que Deus não existe*”
- b) Igualdade na esfera eclesiástica: supressão do sacerdócio ou de um sacerdócio com graus hierárquicos.
- c) Igualdade entre as diversas religiões: abolição das discriminações religiosas por ofenderem a igualdade entre os homens.
- d) Igualdade na esfera política: supressão ou atenuação da desigualdade entre governantes e governados. Exacerbação dos valores democráticos em contraposição a monarquia e a aristocracia.
- e) Igualdade na estrutura da sociedade: supressão das classes.
- f) Abolição dos corpos intermediários entre o indivíduo e o Estado: extinção da família.
- g) Igualdade econômica: supressão da propriedade individual que passa pertencer à coletividade.
- h) Igualdade nos aspectos exteriores da existência: atenuação da variedade nos trajes, nas residências, nos móveis, nos hábitos etc.
- i) Igualdade de almas: padronização das almas retirando suas peculiaridades psicológicas e de atitudes.
- j) Igualdade em todo trato social: abolição das formas diferenciadas de tratamento entre velhos e jovens, patrões e empregados, pais e filhos, esposa e marido etc.

Suas obras são compostas de mais de 2.500 títulos que variam de livros a artigos de jornais e revistas. Plínio alegava que o “mal”<sup>31</sup> advinha com a modernidade e o

---

30 Segundo Lepanto (2008), esse livro descreve a conjuração anticristã, que teria sido guiada pela "maçonaria e demais forças secretas".

31 O “mal” era constantemente citado por Plínio Corrêa. Para ele, o “mal” adveio com as revoluções e a modernidade que deturparam a moral do homem e a ligação com Cristo. Ver ALTOÉ, A.



comunismo e que estes deveriam ser banidos da humanidade através da luta cristã (PICINATO, 2002).

A trajetória de Plínio Correia não ocorreu apenas entre muros eclesiásticos. Este porta-voz da Igreja Católica exerceu alguns cargos públicos, tendo sido eleito deputado federal com 24.017 votos em 1934, ocasião na qual conseguiu unir mais forças para “combater” o ideário da sociedade deturpada pelo “mal”, reforçando a *defesa da igreja e da sociedade cristã*. Aclamado pelos cristãos brasileiros, conquistou também muitos adeptos fora do Brasil haja vista o alto índice de vendas de suas obras em outros países.

Plínio Corrêa afirmava que a Igreja Católica vivenciara a plenitude durante a Idade Média e a partir deste período o homem deparou-se com as “revoluções” que lhe mostraram a luxúria, sensualidade e o orgulho infestando a humanidade. Isto era a modernidade. Neste sentido, a TFP almejava a reedificação da ordem social como única alternativa aceitável para a solução dos problemas enfrentados pela Igreja Católica desde o fim da Idade Média.

Os tefepistas (como era assim chamado os que participavam da TFP) buscavam barrar o modernismo para além das paredes eclesiásticas e tinham o objetivo de restaurar a ordem cristã perdida principalmente a partir do liberalismo católico.<sup>32</sup>

Estes grupos: *TFP, Congregação Mariana, União das Mães Cristãs* considerados de extrema direita por conta de seu radicalismo conservador afirmavam (e ainda hoje continuam a afirmar),<sup>33</sup> que as mídias degeneravam as mentes e os corpos e culpavam os governantes por estarem permitindo que “a subversão” levasse os filhos da pátria para um mundo impuro.

Segundo Altoé, para os tefepistas a modernidade, através das mídias, vinha corroendo a moral do homem.

A partir do Renascimento surge uma civilização sensual e brilhante, onde a força, a beleza e o desfrute da vida aparecem como valores supremos. Quando ainda fazia parte dos quadros da TFP, João Clá Dias observou que: “a adoção pelas damas nobres, de modos e estilos mais próprios às meretrizes contribuiu para derrubar a barreira de honra que separava a esposa honesta da mulher infame. Com isso, a prostituição passou a ser considerada com naturalidade”. A busca pelos prazeres desenfreados pareceu ter atingido também a literatura: “não só os modos decaíram, chegando à indecência. Também na literatura a imoralidade era

---

<sup>32</sup> Localizada entre o fim do século XIX e princípio do século XX, quando nasce o conflito antigo/moderno no interior do catolicismo, concentrando-se e radicalizando-se em torno de dois problemas: de um lado, o dogma enquanto exegese bíblica e, de outro, o envolvimento com a situação social e política da época. (LE GOFF, 1994)

<sup>33</sup> Mesmo depois da morte do líder Plínio Corrêa, a TFP continua agindo vigorosamente na defesa da preservação da família, da virgindade e do casamento, combatendo novas frentes como a legalização da união homoafetiva, e continuando a atacar as mídias como corruptoras da sociedade.

glorificada e apresentada como padrão a ser seguido. Os humanistas tornaram a obscenidade mais repugnante como tema de seus escritos” (ALTOE, 2006)

A indignação com as imagens da televisão eram compartilhadas pela população em geral, que se manifestava frequentemente:

A televisão atraía o maior número de reclamações. Assim como aconteceu com o cinema quando surgiu, a rápida expansão da TV causava assombro. Era comum encontrar opiniões que exageravam sua influência social: ela “invadia os lares” nos momentos mais inoportunos, como a hora do jantar, e desencaminhava a família reunida e indefesa. Para a TV se voltaram também os olhos vigilantes dos censores. No fim dos anos 1970, um cidadão enviou carta ao presidente da República manifestando seu “veemente protesto contra um escandaloso, aviltante e afrontoso programa de televisão”. Transmitido pela TV Globo, o programa teria “exibido um infeliz rapaz de maneiras efeminadas, cognominado Ney Matogrosso”. Segundo o remetente, a “triste e deplorável coreografia” do cantor, “eivada de deboches e sandices despudoradas”, chocara “a grande maioria do público que teve a desventura de vê-lo”. “Diante de tão insólita afronta à população”, destacava ele, “somos forçados a nos interrogar a todos os pulmões: será que existe censura nesse país?” (MARCELINO, 2008)

Outro exemplo de censura na década de 1950 se deu com a música: “O Bonde de São Januário” composta por Wilson Batista e Aaulfo Alves em 1930. A letra, que dizia: “*O bonde São Januário/ Leva mais um sócio otário/ Só eu que não vou trabalhar*” foi censurada e teve sua letra modificada para “*Leva mais um operário/ Sou eu quem vou trabalhar*”. Esta música não foi reprimida apenas pelos órgãos da censura, mas também pelos moralistas religiosos que consideravam insolente um homem não se adequar ao perfil de marido trabalhador cristão<sup>34</sup>.

Os grupos religiosos como os supracitados e a ditadura militar<sup>35</sup> instaurada em 1964 atacavam continuamente os meios de comunicação considerando-os subversivos. Segundo Ortiz (1985) neste contexto começou a ocorrer seleção de material cultural que circulavam no mercado nacional, ou seja, censuravam peças teatrais, livros e filmes. Neste sentido, estas organizações censuravam o teor das obras. Logo, Cassandra Rios, lésbica assumida, que escrevia sobre prazer sexual, de mulheres e homossexuais, ou seja, de sujeitos inexistentes numa sociedade “ideal”, personificava a própria maldade

---

<sup>34</sup> Neste sentido, o trabalho é visto como forma de moldar o homem baseando-se nos princípios bíblicos “*O trabalho dignifica o homem*”. Sendo assim, a família deve ser fundamentada em regimentos que governem o homem para a integridade, honestidade, dignidade e estes só podem ser alcançados através do trabalho. Segundo Louro (2000) os fundamentos para uma sociedade “digna” e aceita universalmente são: homem, branco, europeu, católico e heterossexual, ou seja, os que estão fora deste padrão estão à parte da sociedade, tornando-se, os “excluídos” da história.

<sup>35</sup> O AI 5, e foi regulamentado e instaurou o Decreto-lei 1.077/70, que legitimavam medidas de ação repressiva do Estado contra as produções artísticas e literárias.

humana, uma “aberração”, que insultava o texto da Bíblia: “*o homem foi feito para mulher, assim como a mulher foi feita para o homem*”, e da política da Organização Mundial da Saúde que afirmava que a homossexualidade era uma patologia.

Neste sentido, podemos cogitar que as obras de Cassandra Rios denunciavam legitimavam práticas e ideologias de uma dada época. Para Chartier (2010) “as obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, conferem uma presença ao passado, às vezes ou à miúdo mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história”

## Cassandra: da “filha do português” à “papisa do homoerotismo



Figura 2. Odete Rios. (In: Rev. TPM, 2001)

Filha de pai português e mãe espanhola,<sup>36</sup> nascida no estado de São Paulo no ano de 1932 e criada no tradicional bairro paulistano das Perdizes, Odete Rios encontrou, através da escrita, seu trabalho, prazer e perseguições por toda a vida. Faz pouca alusão à figura do pai. Sua mãe é sempre evocada junto à máquina de costura e nos afazeres domésticos. Não há também menção a irmãos ou irmãs.

Condenada pelos defensores da moral, tachada de subversora e corruptora dos bons costumes, seus escritos marginais eram consumidos no interior das próprias famílias, deixando transparecer a hipocrisia que permeava os discursos da época. Vejamos a fala de uma mãe que pegara o filho com um livro de Cassandra, comprado a caminho da escola:

Ela é uma louca transviada que quer manipular nossos filhos e leva-los para o demônio. Esta mulher (se é que pode chama-la de mulher, ela é uma vergonha para nós) não presta e vai acabar com a família brasileira com suas sapatões e veados. (SEM AUTOR, 1975).

Conseguimos saber um pouco de sua trajetória de vida a partir de sua obra *Censura*, de 1977; Para alguns estudiosos este livro foi sua primeira autobiografia. (LIMA, 2009) Este livro ela afirma não tratar-se de uma autobiografia, mas que para nós serviu como uma rica fonte de informações sobre o seu universo vivido ou lembrado. Outra obra intitulada *Mezzamaro Flores e Cassis: o pecado de Cassandra*

---

<sup>36</sup> Seu nome era Damiana Rios, e acabou bancando a edição do primeiro livro de Cassandra, intitulado “A Volúpia do Pecado” (1948).

(2002), publicada dois anos antes de sua morte sim, a autora admite ser sua autobiografia.<sup>37</sup>



Figura 3. Odete Rios aos três anos. (In: Rev. TPM, 2001)

Odete Rios mulher branca, classe média paulistana, lésbica, teve uma trajetória de vida difícil. Para falar de si mesma: “*e riu de si para si, sentindo-se sacrificada por amor a um ideal nascido com ela*” (RIOS, 1977: 20).

Menina morou na Rua João Ramalho, de onde lembrava com nostalgia enquanto lugar de encantos:

(...) E as frutas sazonadas, doces como mel, as verduras fresquinhas que o seu Joaquim cultivava com desvelo para atender fregueses! Quase nada restava! No lugar, blocos de cimento armados! Uma dorzinha cortou o peito de Odete (em certos momentos do texto ela muda sua escrita de primeira pessoa para segunda) ao rememorar tempos idos (1977: 18 – grifo nosso)

Estudou no Colégio Companhia Atalaia, onde aprendeu as línguas inglesa e francesa. Era a única brasileira da sua turma e tinha como professora Mrs. Ofstter, que era inglesa. Provavelmente, foi neste ambiente, desenvolveu seu amor pela escrita. Sabe-se que iniciou suas publicações na revista *Capricho* ainda menina, tendo publicado seu primeiro livro *Volúpia do Pecado* aos dezesseis anos. Apesar de ter tido o apoio financeiro de sua mãe para esta primeira publicação, Cassandra não permitia que esta lesse seus escritos, por acreditar que eles eram pecaminosos demais para a pureza de sua genitora.

---

<sup>37</sup> Censura consiste numa narrativa em primeira pessoa, repleta de divagações e metáforas. Os estudiosos da obra de Cassandra tomam este livro como uma autobiografia, apesar de a autora não concordar. Já *Mezzamaro Flores e Cassis*, consiste numa obra final, na qual a autora assume como pecadora sua trajetória de vida.

Sonhava ser escritora reconhecida, mas foi advertida por uma vizinha: “ *você rompe tabus. Escreve bem, vai ser muito famosa, mas tenha muita coragem porque você vai sofrer muito menina*” (RIOS, 1977: 30).

Desde o início, foi estigmatizada por seus escritos, que eram confundidos com sua vida pessoal<sup>38</sup>, da qual a mesma afirma ter tentado sempre se distanciar:

A opção sexual da Odete é uma coisa... [Bruscamente] Acredito que você poderia respeitar minha privacidade! Acho que pelo menos a Odete deve ficar incógnita. Escritor é um mito, tem que se preservar, não tem que aparecer. (RIOS, 2001)



Figura 4. Odete Rios adolescente. Santos, sem data. (In: Ver. Ver. TPM, 2001)

Até que ponto ela criou e quanto ‘retirou’ de si nos seus escritos? Como diria Certeau (1999: 74), a escrita não está desassociada do sujeito produtor e a mesma representa um lugar social e cultural. Até que ponto sua sexualidade se distancia ou se aproxima dos seus textos?

Não ligo se dizem que sou homossexual ou heterossexual. Mas sou escritora! Fere a mim como escritora acharem que só tenho a capacidade de escrever aquilo que vivo. Sou ficcionista, eu crio. (RIOS, 1977)

Para Stuart Hall (2005;112), as identidades “*são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou ‘fixação’ do sujeito aos fluxos do discurso*”. Seria a escrita de Cassandra o resultado desta articulação mutável e constante? Neste sentido, ao longo da vida os sujeitos constroem suas identidades a partir de diversos subsídios, ou seja, a

---

<sup>38</sup> Talvez pelos seus relatos na primeira pessoa, e que transpareciam sempre advir das suas próprias vivências.

formação/ construção da identidade estão constantemente aberta ao processo de mutação.

De acordo com Hall (2002), a identidade na pós-modernidade produz sujeitos fragmentados, pautados em referenciais sócio-culturais dos mais variados, assim possibilitando o reconhecimento plural de si, a construção de múltiplas identidades, amiúde contraditórias.

Para alguns estudiosos de Cassandra (como Allen, 2002 e Piovesan, 2005), ela conseguia enxergar as práticas consideradas clandestinas existentes nos mais variados âmbitos sociais e exprimir, através de seus trabalhos o reflexo destas particularidades, sem necessariamente vivenciar as suas narrativas<sup>39</sup>.

Nossa autora descrevia sem pudores o prazer e a excitação feminina num tempo em que o sexo para as mulheres devia servir única e exclusivamente para reprodução, pautadas no amor cristão e no amor pós-casamento. Mas para Cassandra, seus textos não falam sobre sexualidade, mas sim sobre o amor, o amor possível entre duas pessoas que se atraem e vivenciam.

Tpm: Seus livros vendiam por causa do sexo?  
Cassandra: Não, por causa do amor. Sexo é consequência.

Seus contos eróticos retratam, em sua maioria, romances homoafetivos e enveredam notadamente para a escrita lésbica, na qual busca retratar um prazer feminino desconhecido e negado para o seu tempo (ou seja, era uma mulher escrevendo sobre o prazer feminino com outra mulher, levantando a bandeira das possibilidades de relações amorosas e afetivas com pessoas do mesmo sexo, mostrando para a sociedade segundo a própria, este *deleite*).

Inclui também em suas ficções, outros temas pungentes como o transformismo, sincretismo religioso, pedofilia, relações inter-raciais, inter-classes, drogas e disputas de poder no convívio social. Seus personagens são críticos, vivem e sonham intensamente, mas sempre angustiados, culpados por seus desejos, entretanto, sempre resistentes à força do interdito, continuando/impelidos a viver de “forma marginal”. Muitas vezes a autora leva o final de seus personagens para certa ideia de justiça que se traduz na própria morte.

---

<sup>39</sup> Talvez esta ideia de que seus escritos fossem fruto de suas práticas exista devido à escritora narrar em primeira pessoa, dando mais ênfase a descrição dos fatos.

Os “transgressores de gênero” ocuparam um papel central e tiveram importância especial em seus escritos. [...] Cassandra deu voz e visibilidade à existência de uma comunidade *underground* de resistência [...] numa época em que não se falava abertamente sobre ‘essas coisas’ (SANTOS 2004).

Para Hall (2011), o século vinte vivenciou o que chamou de sociedade da modernidade tardia, caracterizada pelas “diferenças”. Esta sociedade composta por “novos” sujeitos e identidades não se desintegra porque suas diferenças se articulam continuamente.

Cassandra Rios foi uma das personalidades literárias mais censuradas no Brasil, por todos os setores possíveis. Sua obra entrou em choque com as convenções hetero – patriarcais sociais defendidos pela Igreja e Estado; sua escrita foi considerada inferior pelos intelectuais de sua própria época.<sup>40</sup> Sua contribuição literária é, sem dúvida, o fato de ela ter visibilizado o transexual, o gay, a lésbica, até então negados e colocados nos porões da sociedade.

O período em que Cassandra viveu foi de dura repressão moral e política. A produção cultural estava diretamente voltada para grupos. Os intelectuais de direita dialogavam apenas consigo mesmo, naquilo que Moraes e Lapeiz (1984) chamaram “*diálogo de comadres*”. E os intelectuais de esquerda discutiam os rumos de uma revolução e tratavam com desprezo quaisquer outros temas não vinculados à resistência política. Amor, sexo, prazer não combinavam nem pertenciam a estas rodas. Em contrapartida o governo investia na disseminação dos meios de comunicação, com uma programação massificadora, baseada em novelas e enlatados americanos. Quanto às abordagens diferentes, uma censura cerrada. Segundo Reimão (2009),

nos arquivos do DCDP (por extenso) encontram-se indicações de 70 livros eróticos/pornográficos de autores brasileiros vetados entre 1968 e 1978; e que o livro de Deonísio da Silva, **Nos bastidores da censura**, apresenta 69 títulos com esse perfil; comparando-se as duas listagens e excluindo-se as repetições resulta que cerca de 100 livros eróticos/pornográficos de autor nacional foram censurados na década de 1970. Entre esses, 18 de Cassandra Rios, embora a autora tenha também adotado outros pseudônimos, que podem também ter sido censurados.”

Cassandra Rios teve sua vida marcada por pressões de grupos que buscavam “retira-la” do cenário por causa dos seus escritos “audaciosos” para sua época.

---

<sup>40</sup> Sobretudo por não seguir um modelo literário vigente nos meados do século vinte, vinculados pós Semana de Arte Moderna.



Cassandra – Odete – Cassandra – é uma figura emblemática, se auto - identificando a partir destas duas identidades. Um momento é a Odete Rios – pessoa moral, calcada numa religião, conservadora, não expõe sua opção sexual

Tpm. - Você declararia publicamente sua opção sexual, se isso fosse ajudar o movimento gay? Cassandra: Se fosse ajudar... Como Cassandra Rios, sim. Como Odete, não, A opção sexual da Odete é uma coisa... [Bruscamente] Acredito que você poderia respeitar minha privacidade! (TPM, 2001)

Falas como estas apenas afirmaram sua posição quanto à sexualidade. Odete foi criada para um mundo no qual a mulher habitava o espaço privado, doméstico, em que o casamento e maternidade eram o caminho “natural”.<sup>41</sup> A mulher deveria ser virgem, ter gestos contidos, não usar o corpo de forma escandalosa, evitar perfumes e maquiagem excessivas, saber os serviços domésticos (cozer, engomar e costurar). Fugir desse padrão seria decretar a própria “morte” diante dos poderes legitimadores (Igreja e Estado). Odete “fugiu” dos comportamentos definidos pela sociedade e se tornou uma “aberração” social, a subversora.

Para o discurso conservador e moralizante Cassandra Rios é uma mulher infame, de atitudes consideradas clandestinas, homossexual e subversora e ao mesmo tempo, no entanto Cassandra se auto define como alguém que fala do amor de uma forma mais ampla, alguém que visualiza o sexo de forma bonita:

(...) *Fazer sexo sem amor é uma coisa animal. Não existe sexo sem amor. Quando uma pessoa faz sexo com outra pessoa existe algum tipo de amor.*

Portanto, ela também é regida por certa moralidade, e talvez seja a partir desta característica que alguns de seus personagens libertinos acabam sendo “punidos” em suas histórias. A autora e os seus vários alter-egos são indissociáveis, mesmo quando esta afirma: “*sou uma coisa, minha obra é outra!*” (In: TPM, 2001). Segundo ela, por conta dos finais de seus personagens, muitos a consideraram moralmente incapaz de levantar a bandeira da homoafetividade. Para outros, ela lutou pela exposição do tema (SANTOS 2003; PIOVESAN, 2005).

### Capítulo III. Sobre as obras e o destino dos seus personagens

*Meus livros não são pornográficos.  
São livros de amor.  
(Cassandra Rios, TPM, 2001)*

Numa época em que falar e observar o corpo feminino dava-se exclusivamente através das lentes do documentarista “Amaral Neto, o *repórter*” (ANDRADE, 2011), Cassandra Rios descrevia imagens de mulheres em posições sensuais, além de descrever também suas sensações. Talvez por isso,

[...] me batizaram de Demônio das Letras, Papisa do Homossexualismo, uma dama de capa e espada, seduzindo e corrompendo. (RIOS, 2000: 30)

[...]

Não ligue não, todos adoram seus livros. As pessoas leem a lista na porta e correm direto até as livrarias para comprá-los. Essa é a sua maior propaganda. (idem, p.48).

Cassandra Rios tinha uma legião de leitores:

Era uma dessas noites em que os pais já haviam se recolhido e ela, menina-moça, também. Seu recolhimento era embaixo da cama e por entre suas mãos um livro, desses que só podemos ler no acolhimento dos nossos esconderijos, vivendo nas brechas das possibilidades e dos disfarces, quando se aproveita dos silenciamentos da casa. Outra leitora, num outro tempo-espaco, também lia o mesmo livro, normalista, havia recoberto a capa, cujos desenhos alimentavam vontades, com uma folha em branco, para que os olhares vizinhos não pudessem ver o título tão cuidadosamente disfarçado. Uma década depois, uma mulher adentrava num sebo, com uma lista de obras a caçar por entre as estantes empoeiradas. O vendedor perguntou se queria ajuda, ela disse não, queria ter o prazer da descoberta, para depois se deleitar na leitura. Seria vergonha?! Da lista, achou três volumes e, orgulhosa, meio ensimesmada, foi comprá-los. O vendedor sorriu. Ela acabou sorrindo também, não sem as bochechas rosarem discretamente.

Três leitores, três narrativas, três historicidades diferentes. O que essas histórias têm em comum? No que elas confluem? As linhas lidas, enegrecidas nas folhas brancas, eram o registro de uma das mais lidas e mais polêmicas escrituras da história da literatura brasileira. A autora Cassandra Rios, cujas publicações criaram um arquivo literário marcado por uma escrita transgressora, testemunhou, a partir de suas artes, um período histórico, entre os anos de 1948 e 1980, cujas ressonâncias ainda repercutem na nossa cultura contemporânea. (NOBREGA, 2011, p )

Contudo, a autora não conseguia (ou não se preocupava em) definir sua própria escrita:

Tpm. O que você acha de seus livros serem classificados como literatura erótica? Cassandra. Essa classificação surgiu por eu não ter medo de explorar

determinados assuntos. Mas nunca escrevi sobre sexo, sempre fui amorosa. Agora, o amor é erótico!

Segundo o jornalista Judson Ovídio (Zingu), Cassandra Rios teve o auge de sua carreira entre os anos 1960/70 e influenciou gerações de leitores. Para ele, Cassandra apelou para a iconografia, para seduzir e chamar a atenção para suas obras pelas capas, mas não a considera pornográfica. Destaca que Cassandra é uma mulher culta, que trouxe impregnada em suas obras sua essência, mas oculta em sua escrita a condição da mulher em pleno século XX e de como esta vivenciava dilemas como moralidade e sexualidade numa sociedade machista.

O sociólogo Waldenyr Caldas, em seu ensaio *Temas da Cultura de Massa: música, futebol, consumo* (2000), “diagnosticou” os livros de Cassandra como paraliteratura. Segundo o dicionário Aurélio seria um conjunto de produções textuais excluídas pelo julgamento social da literatura propriamente dita. Segundo Caldas paraliteratura seria:

A rigor, trata-se de obras que mostram insistentemente o erotismo, indo desde a prática do coito pura e simples entre casais, passando pela homossexualidade indo até as tramas sadomasoquistas. Mas, fundamentalmente, essa não é uma literatura erótica - entendido aqui o erótico como algo que também pode nos levar a uma visão lírica do amor. A subliteratura nos mostra muito mais a erotomania e, além disso, toda uma ideologia contida em seu discurso que precisa ser analisada. (CALDAS, 2000, p.81)

Na entrevista a revista Trip- TPM de 2001, Cassandra Rios expôs sua opinião quanto a esta querela sobre se sua obra seria ou não uma paraliteratura

Tpm: Um livro recém-lançado, *Literatura da Cultura de Massa*, de Waldenyr Caldas, classifica seu trabalho como “paraliteratura” .

Cassandra: [indignada] Paraliteratura é a mãe dele! Puta que o pariu! Ele não sabe o que é literatura e não sabe escrever. Não li e não vou ler esse livro. “Paraliteratura” é a mãe dele que pariu. Pronto, falei um palavrão! [Risos]

Adriane Piovezan<sup>42</sup> afirma que Cassandra foi uma das responsáveis pelo processo de (re)definição dos papéis sexuais entre as décadas de 40 a 70 do século passado. Porém destaca que o trabalho de Cassandra não pode ser compreendido apenas como uma literatura erótica, pois seus livros modificaram estruturas sociais e o exemplo

---

<sup>42</sup> Ver Piovezan. *Amor Romântico X Deleite dos sentidos – Cassandra Rios e a Identidade Homoerótica Feminina na Literatura (194 – 1972)*, 2005

a destacar é sua vendagem que chegou a mais de um milhão de livros vendidos nos anos setenta.

Segundo o professor Rick Santos da Universidade Estadual de Nova York (SUNY), Cassandra deixou uma herança literária importante que pode ser lida como a subversão da heteronormatividade e da invisibilidade gay e lésbica.

Por sua ousadia, esta autora foi severamente punida e rejeitada tanto pelo então conservador governo de ditadura quanto pela academia, composta em grande maioria por homens héteros, que não entendia seu discurso de resistência velada. (Santos, 2003:3)

Segundo o autor, sua documentação despretensiosa da vida gay cotidiana dos anos cinquenta, sessenta e setenta ‘sem tentar fazer generalizações ou grandes teorias’, tomou um papel fundamental no desenvolvimento e na formação de um movimento literário nacional gay e lésbico brasileiro. Cassandra Rios foi, sem dúvida, um daqueles ‘pioneiros amaldiçoados’ que foram queimados na fogueira, de modo que sua opinião pudesse brilhar.

É evidente que o texto/discurso produzido por Rios não é, de nenhuma forma, uma zona ‘neutra’ entre o discurso do “Pai” e o seu (de mulher, lésbica, latina, escritora sob um regime de ditadura militar). Portanto, a língua/texto criado pela escritora lésbica para falar o proibido é, além de transgressor e questionador, anti-canônico e de resistência. Ao unir esses elementos, a autora faz da língua um locus disruptível e volátil que transgride, “perturba” e põe em cheque a lógica e a legitimidade do discurso falocrático. (Santos, 2003:7)

Como defensor de Cassandra, Rick Santos (2000:6) alega em sua tese que a elite literária não teve capacidade em compreender a maneira explícita de “resistência camuflada” de Cassandra.

Segundo Lúcia Facco e Maria Lima a escritora Cassandra escreveu durante a censura os temores que seus personagens viviam de uma sociedade patriarcal e preconceituosa enquanto que o movimento de protesto que teve nomes como Geraldo Vandré, Caetano Veloso denunciavam problemas sociais e lutavam contra determinadas arbitragem da censura.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Geraldo Pedroso de Araújo Dias (1935) mais conhecido como: Geraldo Vandré é advogado, cantor e compositor brasileiro. Formou-se em 1961 em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Militante estudantil participou ativamente do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE). Em 1968 ganhou o III

a “tortura moral” sofrida por suas personagens ao desobedecerem aos códigos morais de comportamento social. Apesar de ter permanecido longe dos bancos das universidades brasileiras e das correntes compostas por intelectuais dotados de profunda formação filosófica, Rios desenvolveu importante papel na crítica social feminista (MORAES,1984).

A partir destas reflexões, parto para uma apresentação breve de suas obras.

## Os enredos de Cassandra

Destaco algumas obras para conhecermos a dimensão das obras de Cassandra e como as relações sociais emocionais e de poder se inter-relacionavam nos seus enredos.

*Volúpia do Pecado*, escrito em 1948 foi o primeiro<sup>44</sup> romance lésbico a alcançar repercussão nacional. O livro retrata a história de Lyeth Gimenez e Irez. As duas procuram definição no dicionário para seus comportamentos sexuais e a partir daí questionam o que seria a normalidade, um amor diferente, os padrões, lesbianismo entre outros para tentar compreender e afirmar que o prazer feminino existe para além do pecado.

Curiosas consultaram o dicionário: Homossexuais, Tribadas, Lesbianas! Seriam elas? Fitaram-se curiosas. As curtas (sic) explicações não as satisfizeram. Deixaram passar os dias alimentando o desejo de desvendar o tormentoso mistério com auxílio de melhores livros. Queriam saber o porque de um amor tão desnatural.(p 175)

Cassandra Rios retrata as duas moças de forma não – patológica como era comum no pensamento da época, ou seja, as estas moças são bem resolvidas consigo mesmas, apenas tentam se auto-definir. Existe um amor verdadeiro e puro entre elas como em qualquer outra relação heterossexual.

---

Festival Internacional da Canção com a música “Pra não dizer que não falei de flores”. A composição se tornou hino de resistência do movimento estudantil que fazia oposição à ditadura militar durante o governo militar, e foi censurada. Em 2010 declarou a uma entrevista que seu afastamento da música não ocorreu devido às perseguições e censura, mas sim por não sentir vontade de compor para o público brasileiro que foi vítima do processo de massificação cultural.

Caetano Emanuel Viana Teles Veloso (1942) é músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro. Tendo posição política contestadora, sendo até confundido como um militante de esquerda. Suas canções foram frequentemente censuradas. Em 27 de dezembro de 1968, Veloso foi preso, acusado de ter desrespeitado o hino nacional e a bandeira brasileira. Foi levado para o quartel do Exército de Marechal Deodoro, no Rio, e teve sua cabeça raspada. Em 1969 foi para o exílio na Inglaterra.

<sup>44</sup> Segundo Bárbara Smith, o livro *Lésbia* (1980) é considerado por alguns estudiosos o primeiro livro que retrata a relação entre duas mulheres, para ela porém este não faz nenhuma menção a relação homoerótica.

O livro pode ser compreendido como uma crítica a sociedade que adjetiva a relação heterossexual como a correta e também ao modelo passivo da mulher as formalidades e exigência da década de 1940 no Brasil mais especificamente em São Paulo. É um período em que as possibilidades<sup>45</sup> femininas aumentaram, as mulheres estavam começando a sair de casa para trabalhar e estudar não apenas o ensino primário.

Eu sabia que uma de nossa família haveria de ser inteligente. Só poderia ser você, respondeu o pai de Lyeth ao questioná-la se gostaria de continuar os estudos.(...) e ao perguntar o que gostaria de ser a resposta o agradou ainda mais: poetisa, quero escrever palavras bonitas (p 16)

Lyeth era uma moça que procurava um namorado no modelo das revistas que lia (capricho) “*másculo, tórax definido, protetor*”(p 12). No mesmo período que namorava Antônio, conheceu Irez sua nova vizinha que parecia mais velha e tinha um ar de vulgaridade.

A custo conseguiu desviar os olhos da cabeleira vulgar que detestou encontrar no caminho. Aquela cor não era natural. Não podia ser. (...) Sentiu que a expressão de seu rosto mudara sem atinar porquê, rancorosamente. (p 27)

Com o passar do tempo tornaram-se inseparáveis e a impressão foi substituída: “(...) *não tinha o nariz comprido como julgara e também não era feia, mas sim de uma beleza fascinante*”(p 28)<sup>46</sup>. A intimidade das duas aumentou consideravelmente com apoio e supervisão dos pais. Determinado dia Irez propõe dizendo que o batom que Lyeth não era bom o suficiente para aguentar o calor de um beijo. “*os seus beijos podem ser quentes, mas não derreterão o batom a ponto de manchar os seus lábios com carmim dos meus*”. Esta afirmação causou espanto e vergonha em ambas, porem Irez continuou a insistir:

Depois disso certa noite estavam conversando animadamente quando Irez disse subitamente: - sabe o que sonhei? – o que? – Que o batom não saiu. – Credo! Você sonhou que eu a beijei? – Sim. Um sonho é um desejo da alma. (p 38)

---

<sup>45</sup> Apesar das transformações ocorrida, por exemplo, o sucesso do batom (1930), as mulheres viviam sendo controladas. A educação da mulher mesmo diante das mudanças, ainda deveria permanecer submissa e virgem até o casamento, ou seja, todas as suas práticas eram vigiadas para que não ocorresse nenhuma macha na reputação das moças.

<sup>46</sup> A narrativa de Cassandra Rios é contrária aos padrões discursivos que associam personagens lésbicas a características masculina. As duas moças nesta obra são femininas e utilizam de todos os apetrechos considerados femininos como: batom, maquiagem, acessórios.

A partir deste momento o relacionamento de ambas ganha novos contornos enamorados deixando Lyeth confusa: “*Estaria ficando louca? Que seria aquilo? Obra do demônio por certo. Tentação. Nunca imaginaria possível semelhante coisa. Nunca ouvira comentário sobre caso idêntico.*” (p 58)

É neste contexto que a trama desenvolveu-se e com a impressão de que as pessoas necessitam se rotularem.

*Copacabana Posto 6 – A Madrasta* é um livro publicado em 1972<sup>47</sup> diferiu totalmente de sua primeira obra, pois Laura a personagem principal (26 anos) é uma mulher de personalidade forte, lésbica assumida da classe média que nunca precisou trabalhar e que conseguir impor respeito e aceitação onde estivesse. “(...) *Sexo trocado! Não, o sexto, não! Sempre gostara de ser mulher, de ser como era*” (p 152)

O ambiente contextualizado predominantemente pela autora é a galeria Alaska em Copacabana frequentado principalmente por homossexuais, neste livro Cassandra traz um lugar onde estes personagens poderiam sentir-se bem sem precisar se esconder.

Para Laura era indigno ficar escondendo suas opções:

De manha veste saia, vai para o banco, trabalha até as quatro ou cinco horas, vai para casa, janta. (...) Não sai com homens. Respeita-os! Tem amigos entre eles! Fez suas tentativas para ser heterossexual por causa da família e por causa dos outros.

Diferente das meninas de Volúpia do Pecado nesta obra Cassandra demonstra as modificações sociais ocorridas e como estas possibilitaram uma maior circulação aberta dos desejos femininos. Laura se envolve com Michele e Caroline que esconde fervorosamente sua opção sexual, deixando Laura inquieta.

Abaixo segue a sinopse das obras *Carne em Delírio* e *Uma Mulher Diferente*:

Em *Carne em Delírio* (1950), Cristina, lésbica, é uma personagem atormentada que vive a condição feminina de sua época, que tendo perdido o noivo inesperadamente, vai despertando desejos por uma mulher e enfrenta dilemas em um mundo machista e hipócrita.

Em *Uma Mulher Diferente* a protagonista chama-se Ana Maria que é um transexual que é encontrado morto. Logo, descobriram que aquela mulher é um homem.

---

<sup>47</sup> Neste período o regime militar estava em vigor e já havia censurado trinta e seis das obras de Cassandra. E ao mesmo tempo a Esquerda consideravam Cassandra uma “alienada”, pois neste período eles atentavam para a tortura física que o país passava, já Cassandra investia seu olhar a tortura psicológica.

A trama desenrolará em torno do suspense em descobrir quem matou Ana Maria. E como esta andava entre o mundo moralmente aceito e o submundo de forma a envolver homens considerados “bons”.

Assim, em *Uma mulher diferente*, Cassandra emerge com o *político corrupto transviado* (RIOS, 2005), que transita impunemente, entre o mundo moralmente aceito (com sua esposa) e as fendas obscuras da sociedade (com seu amante transexual e prostitutas).

## **Os personagens**

A maioria dos personagens postos em seus livros não tem desfechos felizes e quase nenhuma obra tem “*um final feliz*”. Então, a pergunta que podemos fazer é: Cassandra Rios rompe com tabus ao visibilizar sujeitos omitidos ou excluídos da sociedade paulistana do período? Diria que sim, Cassandra inaugura uma escrita literária ao tratar de pessoas do mesmo sexo se amando, e desenvolver toda uma trama em torno da homossexualidade.

Contudo, parece que estes personagens não conseguem romper com os tabus enfrentados, como em Débora e Tessa, do romance *Tessa, a Gata* (1968), já que no final, as duas são tragicamente separadas, ou Ana Maria, um transexual, em *Uma Mulher Diferente* (2005), que não consegue viver plenamente e o final é a morte.

As relações homoafetivas em seus textos estão associadas à violência e a morte e parece não existir muitas chances para estes personagens, não dando chances à felicidade. Segundo Foucault (1986), “*Em qualquer sociedade o corpo está preso ao interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações*”. Seria por isto que Cassandra repreendia os seus personagens?

## **Os títulos das obras**

Uma parte da produção de Cassandra Rios inclui ainda as seguintes obras, muitas delas, difíceis de acesso:

Veneno, ?; Um escorpião na balança, 1974; Gigolô, ?; O Prazer de pecar, ?; Paranoica, 1969; Patuá, ?; A tara, ?; Mutreta, 1972; Muros altos, ?; Uma mulher diferente, 2005; Minha metempsicose, ?; Marcella, 1975; Macária, 1979; Georgette, ?; O gamo e gazela, 1959; Eudemonia, 1959; Eu sou uma lésbica, 1979; Crime de honra, ?; Censura, 1977; Carne em delírio, ?; O bruxo espanhol, ?; As vedetes, ?; As traças, 1981;



As mulheres dos cabelos de metal, ?; Anastácia, 1982; A serpente e a flor, ?; A sarjeta, ?; A santa vaca, ?; A piranha sagrada, ?; A noite tem mais luzes, 1968; A madrasta, ?; A lua escondida, ?; Canção das Ninfas, ?; Breve história de Fábria, ?; Copacabana posto 6, 1972; Nicoletta ninfeta, 1973; Crime de honra, ?; Muros Altos, ?; Homônimo, ?; Mezzamaro, flores e cassis, 2000.

Várias destas obras atualmente apenas são encontradas em sebos e parece que o interesse de pesquisadores têm lhes conferido status de obras raras. Alguns destes romances foram adaptados para o cinema. A Censura implicava tanto com o teor dos enredos quanto com as capas consideradas apelativas. Segue um quadro com as capas destas publicações:

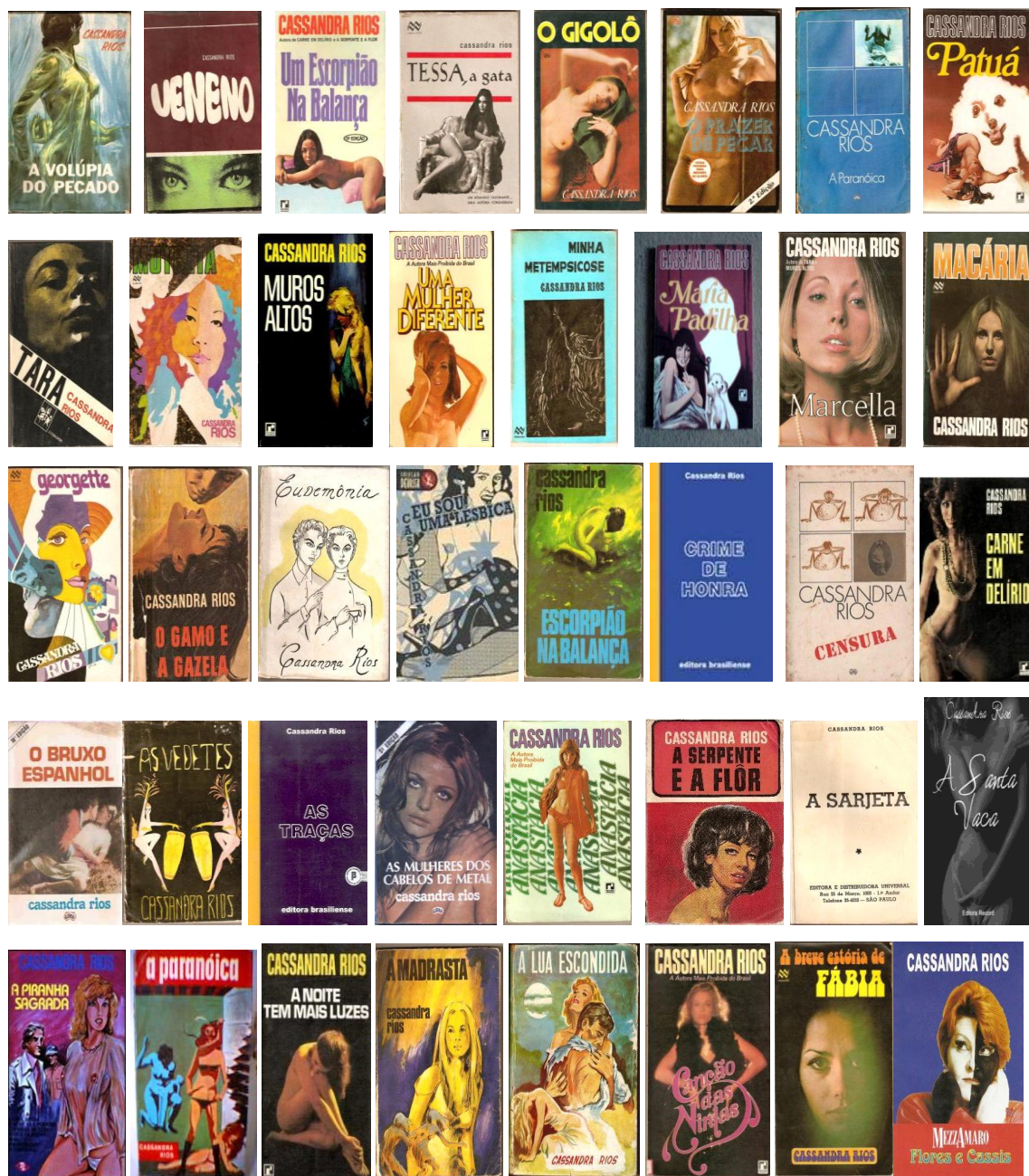


Figura 5. Capas de obras de Cassandra Rios.

Na contemporaneidade capas como estas revelam e despertam pouco ou quase nada no imaginário popular, mas para a sociedade moralista de meados do século vinte consistiam num escândalo. O número de denúncias sobre a venda em livrarias de pequeno porte e bancas de jornal era talvez tão alta quanto à das vendagens das publicações. Neste sentido podemos compreender que tanto o teor de suas obras eram “consumidos” avidamente quando as capas, pois estas exerciam um poder enorme no imaginário social.

Cassandra conta que ao chegar numa determinada banca de jornal ouviu que:  
*“seus livros quando chegam mal da tempo coloca-los na prateleira, basta apenas colocar um cartaz, logo se esgotam”*(RIOS, 2000:64)

## Considerações finais -

*Se a mulher escreve, é ninfomaniaca, tarada.*  
(Cassandra Rios, in: TPM, 2001)

É a partir da certeza que jamais chegaremos a uma conclusão e compreensão única que tecemos algumas análises sobre Cassandra Rios e sua época (1940 – 1970). Neste sentido, seguimos rastros e testemunhos em suas obras para tentar compreender a multiplicidade de sentimentos e experiências envolvidas num Brasil em pleno processo de industrialização e urbanização. Bem como perceber os discursos moralizantes que tentavam controlar os “novos” modelos anunciados com o processo de modernização.

Neste sentido, compreendemos a escrita de Cassandra Rios como respaldo de seu lugar social e de sua formação cultural (CERTAU, 2003), ou seja, sua escrita é baseada a partir de uma moral, que fez com que ela utilizasse o pseudônimo como forma de resguardar suas condições sociais. Outra característica desta é não conseguir desassociar o seu lugar enquanto filha de pais católicos. Em suas narrativas ficam explícitas o “aprisionamento” moral devido ao discurso heteronormativo.

A moral hegemônica, capitaneada pelo Estado e Igreja, aqui representados pelos órgãos de censura e pela TFP, buscaram impedir e repelir a ventilação do discurso homoerótico da sociedade. A sociedade heteronormativa tentava obliterar a visualização dos grupos “*desviantes*”.

Compreendemos que a formação social e cultural influencia decisivamente na forma como os sujeitos se relacionam e suas perspectivas, portanto “fugir” dos padrões impostos pelos discursos oficiais (Estado – Igreja – Família) é algo que não é fácil. O Brasil a partir da metade do século vinte apesar de viver uma grande transformação ainda é preso a códigos de conduta moralmente hetero patriarcais. Cassandra Rios em seus escritos rompe com determinados paradigmas como o silêncio dos “excluídos” socialmente e por isto teve sua vida marcada por repressões e violências tanto psicológicas como física.<sup>48</sup>

Neste sentido, compreendemos os discursos acerca da (i)moralidade partir de Cassandra, estabelecendo uma relação entre história, literatura e censura,

---

<sup>48</sup> Ver Censura. Cassandra chegou a ser presa em alguns momentos e sofreu violência física, porém como a mesma coloca por obra de algum santo nunca realmente conseguiram fazer com que ela dormisse em uma cadeia ou respondesse a inquéritos.

dimensionando as práticas de interdição e de transgressão vivenciadas neste Brasil que mostrou-se “hipócrita”<sup>49</sup>

Outra nuance que despertamos neste trabalho foi o fato de que talvez a Cassandra Rios não constitua o sujeito pós-moderno que alguns atrelam à imagem desta mulher transgressora. Suas práticas são contidas para que não ofendam os discursos moralizantes, ou seja, Cassandra se encaixaria no perfil de um sujeito incutido de pensamentos “renovadores”, contudo não consegue realizar seus anseios positivamente, pois está arraigada em princípios moralistas.

Eu não assumo nenhuma posição social, filosófica, política ou moral, eu simplesmente escrevo. (1976)

Ao historicizarmos as narrativas ficcionais já supracitadas de Cassandra problematizamos as relações cotidianas, os modos de subjetivação social instituídos hierarquicamente pelas discussões de gênero e sexualidade pela ordem vigente. Portanto, conhecemos a autora e seu tempo.

Sua escrita é de alguém situada no seu mundo, uma sociedade em transformação, porém, isto não a torna um reflexo da pós-modernidade ao passo que ela não rompe com paradigmas acerca da identidade sexual. Segundo Rick Santos (2003), o caráter conservador de Cassandra é astúcia, pois este afirmar que esta escrita conservadora foi uma estratégia para driblar a censura e levar à reflexão tanto dos sujeitos civis quanto dos militares envolvidos na ditadura.

Nunca havíamos lido as obras de Cassandra Rios e quando entramos no universo de sua escrita ficamos confusas. Cassandra pornográfica? Não Achamos. A imagem que desenhamos em mente foi uma mulher conservadora, com princípios religiosos. Neste sentido, deixamos em aberto esta questão. Cassandra Rios é moralista sim ou não?

---

<sup>49</sup> Utilizamos este termo, pois percebemos o quanto a sociedade não assume seus atos e pensamentos. A exemplo de uma entrevista realizada a um padre que criticava Cassandra no entanto ele sabia todas as suas obras (Ver: Piovezan), ou seja, as pessoas “consumiam” Cassandra e em vários casos utilizavam das práticas encontradas em suas obras no entanto não admitiam.

## Referencias Bibliográficas

ALTOÉ André Pizetta. *Tradição, Família e Propriedade (TFP): Uma Instituição em Movimento*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, 2006.

CALDAS, Caldas. **Temas da Cultura de Massa: música, futebol, consumo**, Arte & Ciência, Villipress, 2000 2000, p 81.

CERTEAU, MICHEL DE. **Operação Historiográfica**. IN: A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FACCO, L. LIMA, M. I. C. *Protagonistas Lésbicas: a Escrita de Cassandra Rios Sob a Censura Dos Anos de Chumbo*. 2004

<http://www.tanianavarrosrain.com.br/labrys/labrys6/lesb/bau.htm>

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**: tradução de Ligia M.P.Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1986, pp. 125-6.

HALL, Stuart. **Quem Precisa de Identidade?** In. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org). 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós –modernidade**. Tradução: TOMAS T. S e LOURO, G. L. Rio de Janeiro, DP&A, 2011

HOBBSAWN, Eric. **Revolução cultural**. IN: Era dos Extremos: O breve século XX.

São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **Antigo e Moderno**. IN: História e Memória. São Paulo, 1994.

LEPANTO, Frente U. E. *Revolução e Contra Revolução*, 2008. Disponível em <http://www.lepanto.com.br/sociologia-e-politica/revolucao-e-contra-revolucao>

LIMA, Maria Isabel de Castro. *Cassandra, Rios de Lágrimas: Uma leitura Crítica dos Inter(ditos)*, dissertação de mestrado, Florianópolis, 2009.

MAINWARING. S. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916 – 1985)**. São Paulo:

MARCELINO, DOUGLAS A. *Moralistas de Plantão*. Enquanto a censura política se abrandava nos anos 1970, recrudescia a censura aos novos hábitos e costume, 2008.

MATTEI, Roberto de. *O Cruzado do Século Vinte*. Livraria Civilização, Porto, 1997.  
<http://ipco.org.br/home/quem-somos/o-mundo-de-plinio-correa-de-oliveir> -  
[http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_3870.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_3870.html)

MORAES, Eliane R., LAPEIZ, Sandra M. **O que é pornografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 101p. (Primeiros Passos, 128)

NÓBREGA, Elisa Mariana de. *Uma arquivologia intercultural da "obscenidade": história, memória e testemunho na obra da escritora cassandra rios*. Projeto de Pesquisa PIBIC/CNPQ, Guarabira, 2012.

NOSSO SÉCULO. *O American Way of Life Chega à Terra do Jeitinho*. Abril, São Paulo: Abril Cultura, 1980, v3. p 244.

OVÍDIO, Judson. *Cassandra Rios: A Rainha da Literatura Erótica*. In: Revista Eletrônica Zingu. Acessado em: 10/09/2012. Disponível em <http://revistazingu.blogspot.com.br/2007/08/cassandrarios.html>

OLIVEIRA, P.C. *Nasce a TFP*. Folha de São Paulo, SP, 1969.

OLIVEIRA, P. C. *A Cruzada do Século XX*. REVISTA Catolicismo. São Paulo, 1951

OLIVEIRA, P. C. *Auto- Retrato Filosófico de Plínio Corrêa de Oliveira*. Catolicismo. São Paulo, 1995

OLIVEIRA, P. C. **Revolução e Contra- Revolução**. Boa Imprensa. Campos, 1959.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **A moderna tradição brasileira cultura brasileira e indústria cultural** São Paulo: Brasiliense, 1988.

PICINATTO, Thalisson Luiz Valduga, ANDRADE, Solange Ramos de. *Plínio Corrêa de Oliveira e a Sociedade De Defesa Da Tradição, Família e Propriedade: Posicionamento Anticomunista na "Revista Catolicismo" Entre 1951 e 1970*. Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH - Paraná 2012.

PIOZEVAN, Adriane. *Amor Romântico X Deleite dos Sentidos – Cassandra Rios e a Identidade Homoerótica Feminina na Literatura (1948 – 1972)*, dissertação de mestrado, Curitiba, 2005.

REIMÃO, S. **Mercado editorial brasileiro 1960-1990**. São Paulo: Com-arte; FAPESP, 1999.

SILVA, Deonísio. **Nos bastidores da censura: sexualidade, literatura e repressão pós-64**. Barueri, SP: Manole, 2010.

SANTOS, Rick. **A different woman: class, identity and sexuality in Cassandra Rios's work**. Tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Nova Iorque/ State University of New York em Binghamton. Fevereiro, 2000, p.6.

SANTOS, Rick. *O mito de Cassandra: a gênese da literatura gay e lésbica no Brasil*. In: AZEVEDO Filho, Deneval Siqueira; MAIA, Rita Maria de Abreu de. (Org.). **Livros e ideias: ensaios sem fronteiras**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

SANTOS, Rick. *O Mito Maldito: Por Uma Leitura Queer do Discurso de Cassandra Rios*. 2003. 9f. Não publicado.

TERUYA, Marisa T. *A família na historiografia brasileira. Bases e Perspectivas Teóricas*. Anais da Abep, Caxambu, 2000. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>

ZANOTTO, Gisele. *Tradição, Família e Propriedade (TFP): Um Movimento Católico no Brasil (1960 -1995)*. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em [www.larc.ufsc.br/arquivos/TFP\\_cristianismo\\_soc\\_salvacao.pdf](http://www.larc.ufsc.br/arquivos/TFP_cristianismo_soc_salvacao.pdf)

ZANOTTO, Gisele. *Normatizações, Controle e Disciplina: A TFP Enquanto Instituição Total (1960 – 195)*, Passo Fundo, s/d. Disponível <http://www.academicoo.com/familia-sociedade/25/>

ZANOTTO, Gisele. *Apologia da “barbárie”: A compreensão da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) Sobre a Neomissologia católica*. Florianópolis, 2004

### Entrevistas de Cassandra Rios

\_\_\_\_\_. *A Perseguida - Os homossexuais tem coragem de amar*. IN: TPM Trip 03 de junho de 2001 <http://revistatpm.uol.com.br/03/vermelhas/07.htm>

\_\_\_\_\_. *Cassandra Rios ainda resiste*. Entrevista ao Jornal Lampião da Esquina. Outubro de 1978

\_\_\_\_\_. *Cassandra Rios –Ela já vendeu mais de um milhão de livros*. Entrevista à revista Manchete, nº 1.76, 02/11/ 1974

\_\_\_\_\_. *Cassandra Rios- Eu não tenho culpa de ser feia*. Entrevista à revista Fiesta, ano III, n 27 s/d.

### Obras de Cassandra Rios

RIOS, Cassandra. *Eu sou uma lésbica*, Rio de Janeiro, s/e, 1979.

RIOS, Cassandra. *Censura – minha vida meu amor*. São Paulo, Global, 1974.

RIOS, Cassandra. *Volúpia do pecado*. A voz do livro. 3º Ed. 1948.

RIOS, Cassandra. *Veneno*. s/l. s/e, 1968.

RIOS, Cassandra. *Um escorpião na balança*. Rio de Janeiro: Record 6º Ed, 1974.

RIOS, Cassandra. *Tessa, a gata*. São Paulo, Hemus, 1968.

RIOS, Cassandra. *O Gigolô*. s/l ,s/e, 1979.

RIOS, Cassandra. *O Prazer de pecar*. s/l, Global, 1979

RIOS, Cassandra. *Paranoica*. São Paulo. Discubra, 1969.

RIOS, Cassandra. *Patuá*. Rio de Janeiro, Record, 1976.

RIOS, Cassandra. *A tara*. s/l s/e s/d.

RIOS, Cassandra. *Mutreta*. São Paulo. MM, 1972.

RIOS, Cassandra. *Uma mulher diferente*. São Paulo, Brasiliense, 2005. (reedição)

RIOS, Cassandra. *Minha metempsicose* s/l, s/e, s/d.



RIOS, Cassandra. *Marcela* Rio de Janeiro, s/l s/e 1975.

RIOS, Cassandra. *Macária*. Rio de Janeiro, Hemus, 1973.

RIOS, Cassandra. *Marcellina*. São Paulo, Global, s/l, s/e, 1977.

RIOS, Cassandra. *Georgette*. s/l, s/e, 1973.

RIOS, Cassandra. *O gamo e gazela*. São Paulo, Edições Skiper, 1959.

RIOS, Cassandra. *Eudemonia*. São Paulo, Edições Skiper, 1959.

RIOS, Cassandra. *Eu sou uma lésbica*. Rio de Janeiro, Record, 1979.

RIOS, Cassandra. *Crime de honra*. s/l, s/e, s/d.

RIOS, Cassandra. *Carne em delírio*. s/l, s/e, 1950.

RIOS, Cassandra. *O bruxo espanhol*. s/l, s/e, 1980.

RIOS, Cassandra. *As vedetes*. Mundo Música, Rio de Janeiro, 1972.

RIOS, Cassandra. *As traças* Rio de Janeiro, Record, 1981.

RIOS, Cassandra. *As mulheres dos cabelos de metal*. s/d.

RIOS, Cassandra. *Anastácia* Rio de Janeiro, Record. 1982.

RIOS, Cassandra. *A serpente e a flor*. s/l, s/e, 1972.

RIOS, Cassandra. *A sarjeta*. s/l, s/e, 1984.

RIOS, Cassandra. *A santa vaca*. s/l, s/e, 1984.

RIOS, Cassandra. *A piranha sagrada*. São Paulo, Top- livros, s/d.

RIOS, Cassandra. *A noite tem mais luzes*. São Paulo, Hemus, 1968.

RIOS, Cassandra. *A madrasta*. Rio de Janeiro, s/l, s/e, 1972.

RIOS, Cassandra. *A lua escondida*. s/l, s/e, s/d.

RIOS, Cassandra. *Canção das Ninfas*. s/l, s/e, 1976.

RIOS, Cassandra. *Breve história de Fábria*. s/l, s/e, 1964.

RIOS, Cassandra. *Nicoletta ninfeta*. Rio de Janeiro, Record, 1972.

RIOS, Cassandra. *Crime de honra*. Rio de Janeiro, Brasiliense, 2005 (reedição)

RIOS, Cassandra. *A Borboleta branca*. s/l, s/e, 1980.

RIOS, Cassandra. *Homônimo*. s/l, s/e, 1984.

RIOS, Cassandra. *Muros Altos*. s/l, s/e, 1967.

RIOS, CASSANDRA. *Copacabana posto 6*. Rio de Janeiro, 1972.

RIOS, Cassandra. *Mezzamaro, flores e cassis- o pecado de Cassandra*. São Paulo, Pétalas, 2002.